

## NÚCLEO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS E PESQUISA SOBRE MARX E O MARXISMO – NIEP

**Marx e o Marxismo 2019: Marxismo sem tabus - Enfrentando opressões**

**EIXO TEMÁTICO 3:** Marxismo e revoluções: teoria e história

**TÍTULO DO TRABALHO: O MARXISMO DE TROTSKY E OS SEUS APORTES À TEORIA DA REVOLUÇÃO: A TRADIÇÃO DE OUTUBRO, O SÉCULO XXI E OS MOVIMENTOS DE COMBATE AS OPRESSÕES.**

**Fábio José Cavalcanti de Queiroz<sup>1</sup> e Nivânia Menezes Amâncio<sup>2</sup>**

**RESUMO:** Neste artigo, a pretensão que nos move é a de analisar as conexões entre os aportes teóricos de Trotsky sobre o que é uma revolução, tendo como referências as alusões à revolução de outubro, os nexos com as revoluções do século XXI, considerando, por fim, o lugar das lutas contra as opressões nos processos de enfrentamento social e na perspectiva revolucionária no âmbito da contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Trotsky; revolução; revolução de outubro; revoluções do século XXI; lutas contra as opressões.

**ABSTRACT:** In this article, the pretension that moves us is to analyze the connections between Trotsky's theoretical contributions on what a revolution is, having as reference the allusions to the October revolution, the nexus with the revolutions of the 21st century, considering the place of the struggles against the oppressions in the processes of social confrontation and the revolutionary perspective in the contemporaneity.

**Keywords:** Trotsky; revolution; October revolution; revolutions of the 21st century; struggles against oppression.

## O MARXISMO DE TROTSKY E OS SEUS APORTES À TEORIA DA REVOLUÇÃO: A TRADIÇÃO DE OUTUBRO, O SÉCULO XXI E OS MOVIMENTOS DE COMBATE AS OPRESSÕES.

“Se um símbolo é uma imagem concentrada, então uma revolução é a maior criadora de símbolos, pois esta apresenta todos os fenômenos e relações numa forma concentrada”. *Leon Trotsky*

Se a história é uma “trama de muitos fios”, como se costuma dizer, neste artigo, em certa medida, três questões-chave se articulam e se complementam: a ideia de revolução em Leon Trotsky e o seu nexo com a revolução russa; o grande abismo entre essa tradição e os processos revolucionários do século XXI; e, por fim, como as reflexões anteriores ajudam a entender as difíceis relações entre o legado de outubro, as lutas em curso e os movimentos de luta contra a opressão.

---

<sup>1</sup> Doutor em Sociologia (UFC), com pós-doutorado em Educação (FACED-UFC), é professor associado do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri (URCA).

<sup>2</sup> Mestra e Doutoranda em educação (FACED-UFC), professora da Rede Estadual de Ensino do estado do Ceará.

## Existe uma teoria da revolução em Trotsky?

Ainda não havia muito que abrisse o século XX, e Leon Trotsky já se constituía figura emblemática do movimento socialista russo. Notemos ainda: não demoraria muito e ele teria essa posição estendida em uma escala incomparavelmente maior. Com o decorrer do tempo, plasmado pela revolução de outubro<sup>3</sup> e mesmo depois da morte do seu principal inspirador, o trotskismo resultaria em um movimento de envergadura internacional. É escusado dizê-lo: as concepções de Lev Davidovich Bronstein (o seu verdadeiro nome) se tornaram linhas de força de ampliação e enriquecimento da teoria revolucionária (marxista), do seu programa e da sua estratégia.

É necessário esclarecer que, ainda assim, tais assertivas tão peremptórias não podem ter o condão de, *a priori*, definir a existência irrefutável de uma teoria da revolução em Trotsky, ainda que as evidências iniciais apontem vivamente nessa direção. Há no mínimo muita dúvida acerca de uma teoria da revolução. Suponha então de uma teoria da revolução em Leon Trotsky.

Vale a pena ainda aduzir outra questão: a revolução nunca foi para Trotsky uma ideia geral, uma abstração ou algo do gênero. Para ele, essa refinada ferramenta histórica expressaria um problema de fundo que não era somente teórico, mas era sobremaneira político, prático e estratégico. Doutra lado, e já nos situando nos anos 2000, a sua reflexividade sobre o tema nada tem em comum com o raciocínio vulgar, seja aquele que enxerga revolução em todo lugar, seja aquele que não vê revolução em parte alguma. Embora a revolução seja parte inseparável da época em curso, para ele, “o caráter geral de nossa época não significa que acontecerá a revolução, isto é, a tomada do poder, a todo o momento” (2010: 150).<sup>4</sup>

Posto tal diagnóstico, e olhando detidamente a realidade à nossa volta, trata-se de entender esta última como uma situação que, sem dúvida, não é completamente inédita. Não é a primeira vez que a revolução como categoria histórica é apontada como um empreendimento anacrônico. Também não é a primeira vez que os revolucionários se sentem lançados – teórica e politicamente – a responder aos seus oponentes da hora.

Acontece que a enxurrada de teses e impropérios contra qualquer teoria revolucionária, não raras vezes dirigida por reacionários completos, nos impele a uma

---

<sup>3</sup> Sempre que houver uma referência à revolução de outubro, que se saiba que estamos a mencionar o processo revolucionário russo, encabeçado pela liderança bolchevique, e cujo ponto alto se deu nos últimos dias do mês de outubro de 1917, conforme o velho calendário Juliano.

<sup>4</sup> Sobre essa questão, não há uma formulação única e indiscutível em Trotsky. Por exemplo, os acontecimentos de 1905, na Rússia, são por ele definidos como revolução, ainda que não tenha se dado a tomada do poder.

retomada do problema em sua acepção teórica, que, no caso de um trotskysta, implica levar em conta as questões políticas, práticas e estratégicas aí envolvidas. Disso decorre a busca de uma teoria da revolução em Leon Trotsky.

A essa altura, não é ocioso recordar da sua extensa obra que pode nos propiciar pistas preciosas visando responder a questão inicialmente proposta. É importante não perder de vista que grande parte da sua produção – intelectual e política – tem como *leitmotiv* o tema da revolução. Além do mais, é sintomático que o termo apareça regularmente no título de grande parte das suas obras: *A revolução de 1905*; *História da revolução russa*; *A revolução russa*; *Revolução permanente*; *Literatura e revolução*; *A revolução desfigurada*; *A revolução traída* etc. Às vezes, a expressão contundente e reiterada surge acompanhada de sua antítese, conforme se observa em *Revolução e contrarrevolução* na Alemanha. Para medirmos toda essa presença do termo, basta que nos lembremos de que, em certas oportunidades, embora ele não apareça, é dele que se está falando, como é o caso de *Lições de outubro*, em que o autor nos oferece um quadro geral da revolução de outubro de 1917, na Rússia.

Mesmo em sua autobiografia – *Minha vida* – os processos revolucionários ocupam grande parte das suas autorreflexões. É precisamente nesse livro de memórias que ele nos oferece uma das definições mais brilhantes de tais processos: “Las revoluciones son momentos de arrebatadora inspiración de la historia” (TROTSKY, 1979, p. 259). Tal definição é antecipada pela ideia-chave de que as revoluções só se tornam possíveis quando “las masas, por un empuje de sus fuerzas elementales, rompen las compuertas de la rutina social” (idem).

Quer dizer: as revoluções são instantes excepcionais na história humana e correspondem ao ápice de tempo em que as massas rompem os diques da rotina e se lançam como verdadeiras proprietárias do seu destino. Essa compreensão constituirá a chave-mestra do que poderíamos – por que não? – nomear de uma teoria da revolução em Trotsky.

No instante em que as ruas e praças podem se tornar concorridos centros de debate, não parece apropriado nos furtar a discutir essa concepção dos processos revolucionários manifesta em Trotsky: efetivamente, um homem de ideias e de ação. Para ele, a revolução deveria ser entendida como uma ferramenta pelo qual as massas poderiam começar a empreender uma superação radical da ordem burguesa. Nesse sentido, o prolongamento do capitalismo como modo de produção influente e dominante não pode ter a prerrogativa de esfumar esse método da história. Se os que

falam de tal método parecem afastados de um padrão momentaneamente estabelecido, em termos curtos e grossos, não deveríamos – mais do que antes – lutar para que se rompa com a regra e se transforme a exceção em regra?

Manifestamente, esse quadro exige um embate ideológico em que as ideias de Trotsky encerram um conteúdo político muito valioso, ainda que seja inútil buscar respostas definitivas e irrecusáveis na letra do texto. Costuma-se dizer entre os marxistas, retomando o velho Engels, que reconhecemos três formas de luta: a política, a econômica e a teórica. Aqui, estamos nos propondo a retomar essa terceira; em geral, esquecida e sacrificada.

Não estamos nos dispondo a desenvolver um estudo geral sobre a teoria, mas sobre a teoria da revolução; não uma teoria geral acerca do assunto, mas uma teorização determinada e que se abriga na rica e orgânica elaboração do velho revolucionário ucraniano, que definiu sumariamente a revolução “como a forma mais alta da luta de classes” (TROTSKY, 1990:58), apesar de interpretá-la, em outros momentos, de maneira relativamente diferente. Na maioria dos casos, no entanto, era esse o seu ponto de partida, quando sequer ignorava que os processos revolucionários são ensejados, em regra, por explosões “sem preparação e sem ligação”. Tais explosões, no entanto, não seria ainda a revolução em toda a sua extensão; de feito, não encerraria outro significado senão o de sua primeira fase.

Devemos nos lembrar, contudo, que a vasta produção historiográfica e política de Trotsky, paralela à trajetória do militante revolucionário, coloca o seu leitor frente a uma trama complexa que exige um trabalho feito com muito cuidado para que não se transforme a sua elaboração em uma compreensão vulgar.

Assim, para Trotsky (1989), a revolução não deve ser entendida como um “empreendimento isolado que se pode desencadear por capricho”; Inversamente, ela deve ser encarada como “um processo objetivamente condicionado no desenvolvimento histórico” (idem, p. 7). Em outros termos: a revolução é um processo, em primeiro lugar, objetivo, social e não subjetivo e individual. Sequer deve ser tomada como um processo técnico. Sobre isso, ele escreveu a seguinte síntese: “E por que é que as revoluções vitoriosas são tão raras se para o seu sucesso basta um par de receitas técnicas?” (TROTSKY, 1989:10). Em resumo: as revoluções encerram aspectos técnicos e subjetivos, mas estes estão condicionados objetivamente pela realidade.

Para os decepcionados que, à primeira vista, enxergassem um hipotético objetivismo soprando das páginas dos livros do velho revolucionário, certamente um

esforço para seguir a reflexividade do autor poderia vir a redundar em uma grande surpresa, de acordo com o que se distinguiria da leitura da citação abaixo:

*Mas a consciência humana não reflete passivamente as condições objetivas. Ela reage ativamente sobre estas. Em certos momentos, esta reação adquire um caráter de massa, tenso, apaixonado. As barreiras do direito e do poder são derrubadas. Na realidade, a intervenção das massas nos acontecimentos constitui o elemento mais essencial da revolução (TROTSKY, 1989:7).<sup>5</sup>*

Ou seja: em que pese o condicionamento objetivo, é a intervenção das massas o elemento mais essencial de um movimento revolucionário. Aqui, queremos aproveitar para retomar uma discussão que sugerimos no início do presente artigo. A atividade revolucionária, na perspectiva de Trotsky, pode se restringir a uma demonstração ou rebelião, “sem se elevar à altura de uma revolução”, se a sublevação das massas não conduzir ao “derrubamento da dominação de uma classe e ao estabelecimento de outra”.

Ora, em 1905, na Rússia, conforme antecipamos, a atividade revolucionária não alcançou esse patamar; logo, não seria uma revolução? O “velho” se corrige e diz: “essas são as condições de uma revolução consumada”. Estamos perante um problema muito importante. Nessa ótica, as revoluções poderiam ser divididas em consumadas e não consumadas, em que as primeiras se caracterizariam pelo “derrubamento da dominação de classe e ao estabelecimento de outra” e, no segundo caso, estariam ausentes essas duas condições. Com maior frequência, tem sido o segundo grupo de movimentos revolucionários o que tem primado.

A nosso ver, o fundamental é entender as revoluções como momentos em que “as massas mostram abertamente a sua decisão de lutar até o fim” (TROTSKY, s/d: 395). Lutar até o fim não é uma garantia absoluta de que o velho será varrido e o novo será implantado. A história nunca deu esse tipo de garantia.

Convém desde já observar que “no caso de uma vitória decisiva da revolução, o poder passa para as mãos da classe que desempenha o papel dirigente na luta” (TROTSKY, 2011:79). É essencial não perder de vista um elemento condicional nessa afirmativa. Não basta uma vitória. Carece-se de uma vitória decisiva para que a

---

<sup>5</sup> Esta obra reproduz uma conferência feita por Trotsky em Copenhague, nos anos 1930. Antes disso, ele escrevera em História da revolução russa: “A característica mais indubitável de uma revolução é a interferência direta das massas nos eventos históricos”. Mais adiante, ratificará esse raciocínio: “A história de uma revolução é para nós, antes de tudo, a história da entrada violenta das massas no domínio de decisão de seu próprio destino”. (tomo um, parte um, 2007:9). Ou seja: na conferência ele reforça um ponto de vista que já vinha sustentando em suas obras, notadamente as que se colocavam em uma perspectiva de apreciação histórica da revolução russa.

resultante seja a contida na frase. Ao longo da história, a ausência da condição definida nessa simples palavra produziu resultados diametralmente opostos.

Analisando a revolução de outubro, Leon Trotsky conclui que “o proletariado não pode conquistar o poder através de uma revolução espontânea” (2007: 24). Aqui, trata-se de examinar não os movimentos revolucionários como um todo. A questão central é a análise da luta revolucionária do século XX e do seu horizonte proletário. Para o autor, a experiência demonstrou que se as revoluções revelam um caráter inorgânico, instintivo, sem um plano e uma direção conscientes, a tendência é que o poder permaneça nas mãos das antigas classes, embora encapotado de novas formas. A sua conclusão é categórica: “O partido é o instrumento essencial da revolução proletária” (idem, p. 26). Isto é: sem uma ferramenta política consciente e determinada, a tendência é que não se alcance o patamar de uma revolução consumada.<sup>6</sup> Em tais momentos, o papel dos partidos e dos líderes não pode ser menosprezado:

*Sem uma organização dirigente, a energia das massas se dissiparia como um vapor não encerrado numa caldeira com bombas de pistão. Entretanto, o que move as máquinas não é nem o pistão nem a caldeira, mas o vapor (TROTSKY, t1, p1, 2007:10/11).*

Há quem faça objeções ao modo que Leon Trotsky tratou o tema, ora acusando-o de reducionista, ora imputando-lhe o defeito de ignorar a complexidade do Estado na sociedade ocidental. Na razão inversa das querelas dos seus detratores, ele sempre entendeu que “a revolução proletária no ocidente terá de lidar com um Estado burguês completamente formado” (2007:107). A noção de um “Estado burguês completamente formado” tem a virtude de conceber a imagem do processo histórico no ocidente como distinta em comparação, por exemplo, com aquela revelada pela experiência russa.

Num plano mais elevado da realidade imediata, a formulação teórica mais exata é a que reconhece que não existe uma única porta pela qual a revolução pode entrar. A via para revolução tem variantes. Fora disso, qualquer teoria se torna um esquema abstrato. Para que fique nítido quanto ao método aplicado pelo autor de História da revolução russa, é útil ressaltar uma passagem de Lições de outubro: “O melhor teste

---

<sup>6</sup> As experiências revolucionárias que se deram depois da 2ª Guerra Mundial foram dirigidas, em sua maior parte, não por partidos revolucionários, ao estilo do bolchevismo russo, mas por organizações populares e guerrilheiras, o que não impediu que se consumassem as revoluções, eliminando as velhas formas de poder e edificando outras em seu lugar. Os problemas foram de outra natureza: por exemplo, diferentemente da revolução russa que se burocratizou em seu curso, as revoluções vitoriosas do período pós-2ª guerra engendraram Estados burocráticos desde os seus alvares. É evidente que há outras questões que mereceriam um exame mais detido, mas não tencionamos fazê-lo neste texto.

dos pontos de vista sobre a revolução é a aplicação deles na própria revolução” (TROTSKY: 2007:30).

Esses são os pontos mais importantes no que diz respeito à concepção de revolução que Leon Trotsky apontou em diversos dos seus textos teóricos. Cremos que essa brevíssima apresentação dos seus postulados já nos permite advogar a existência, em sua obra, de uma teoria da revolução; teoria que ele desenvolveu ao longo de quatro décadas de militância sob o esteio do marxismo.

Postos de lado os aspectos complementares da sua sistematização, dir-se-ia que, no pensamento de Trotsky, um traço essencial da erupção revolucionária pode ser observado nas “bruscas mudanças de opinião e sentimento das massas”. Para ele, esse é o elemento que, em última análise, define a eclosão de uma “etapa revolucionária”. Trata-se, então, de reconhecer que a revolução não é o resultado da ação de “demagogos”; ela corresponde a um “movimento de saltos nas ideias e paixões”. Em outras palavras: a revolução se determina e se explica pela “orientação ativa das massas por um método de aproximações sucessivas” (TROTSKY, t.1, 2007:10). O seu desenlace não está escrito em lugar algum. O que, em larga medida, o define não é outra coisa senão a correlação de forças. Conclusivamente, eis os traços essenciais do que não tem como ser definido adequadamente salvo como uma teoria da revolução.

### **As trôpegas revoluções do século XXI e a Revolução de Outubro**

Trotsky afirma que a história “trabalha com lentidão, com crueldade insensível, mas trabalha” (S/D, p. 349). Isso nos faz lembrar que a revolução tem o seu tempo, ainda que, também, tenha o seu sentido e a sua expressão. No que toca ao tempo, ela tende a nos lembrar de um velho provérbio árabe que diz que “o maior erro é a pressa antes do tempo e a lentidão ante a oportunidade”; quanto ao sentido, *ela é uma competição aberta entre as forças sociais em luta pelo poder*; quanto a sua expressão, *ela se revela na entrada violenta das massas no domínio de decisão do seu próprio destino*. (TROTSKY, 2007 (I), p. 9)

Ou seja: a revolução é uma categoria histórica e uma prática que se assemelha a um caleidoscópio. Entendê-la implica tomá-la em sua perspectiva multiforme. Em todo caso, o nosso objetivo é familiarizar mais estreitamente o leitor com um objeto que, ao longo do tempo, não se constrange de apresentar combinações variadas em confronto com o espelho inclinado da história.

Marx (2008) sustenta que não se deve buscar inspiração na poeira do passado. Para ele, que os mortos enterrem os seus mortos tem o sentido de afirmar que a época das revoluções burguesas cede o seu posto a uma nova época cujo signo máximo é a revolução proletária. 132 anos depois da morte de Marx, essa “nova época” está historicamente superada? A revolução social é uma ferramenta antiquada na presumida “era do *facebook*”?

O século XXI nos oferece um acervo de acontecimentos que, em regra, despreza esse tipo de compreensão fundado na ideia de que a revolução está fora de moda. Mas tomar a história como ela se apresenta (nesse começo de século) implica recordar os processos revolucionários que, duas vezes na Bolívia e uma vez no Equador, opõem-se ao diagnóstico doloroso de morte da velha senhora; significa lembrar-se de sua infatigável presença nas terras áridas do norte da África e do Oriente Médio, ainda que sob o peso gigantesco de contradições que parecem se comprovar do sofrimento humano; ainda que pareçam nem importantes nem memoráveis.

O que as experiências dos primeiros anos do novo século têm nos dado como prendas apontam no sentido de que, às vezes, a vida nos oferece um prólogo excessivamente longo. Nesse caso, parece inútil ofertar ao mundo uma flor de girassol, pois a realidade parece pouco apreciar esse gesto de cortesia e os seus ritmos no rumo da mudança não dependem de um simples movimento do corpo.

Veja-se o caso do Egito. Ali, as massas tomam de assalto ruas e praças e alteram bruscamente a correlação de forças na sociedade egípcia e lançam centelhas a escala mundial. A isso, pelo menos em um determinado momento, não chamamos de revolução? Terá o leitor, porém, nos últimos tempos, observado algo mais carregado de elementos opostos e conflitantes? Infunde ou não perplexidade o encontro violento da revolução com a contrarrevolução sem que novos horizontes políticos se descortinem com o mínimo de nitidez? O levante popular que acaba em um golpe militar conduz o ponto de vista que não vai ao fundo das coisas a só enxergar o segundo e ignorar o primeiro ou simplesmente inverter o ângulo da interpretação. Nos dois casos, estamos perante erros simétricos de apreciação da história e que se resumem a uma só palavra: unilateralidade.

Como acaba a Revolução de Novembro de 1918, na Alemanha, senão em um banho de sangue, inclusive com os assassinatos, no ano seguinte, de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht? No mesmo período, a Revolução, na Hungria, não recebe a sua última pá de cal com a intervenção militar da Romênia? Nos dois casos, os processos

revolucionários abortados devem ser esquecidos e, nessa perspectiva, se admitir que, no patíbulo da história, só há lugar para a história dos vencedores?

Não há contrassenso histórico de que um levante revolucionário de massas seja afogado e extraviado pela força de um *putsch* militarista, como o que, por exemplo, ocorre em meados de 2013, no Egito. O erro faz-se notar no momento em que se perde de vista a brutal mudança na correlação de forças. Essa, talvez, seja a questão-chave. Essa argúcia é necessária, particularmente, em tempos de revoluções extraviadas.

Ante a etapa presente na qual se encontra submersa a humanidade, essas contradições, somadas à lentidão de mudanças as mais prosaicas, comezinhas, parecem conduzir os que são tomados como revolucionários a ingerir do célebre elixir do pirronismo. Dado o exercício da dúvida, há de se indagar: no nível das relações políticas, essa lentidão e contraditoriedade do processo revolucionário não inspiram a que muitos de nós, marxistas, conjecturemos que, de fato, os processos revolucionários, definitivamente, sobram e despencam, e assim, se perdem nas curvas fechadas de um século que só lhes tem horror?

Efetivamente, do mesmo modo que tantas outras coisas, nomes e fenômenos, a revolução não se revela com a acessibilidade que os idealistas de plantão desenham em suas mentes brilhantes. Ainda mais: “As massas entram na revolução não com um plano de reconstrução social, mas com um agudo sentimento de não poderem mais suportar o velho regime”. (TROTSKY, 2007, p.10) No exemplo da Bolívia, a entrega do gás e da água por uma burguesia autóctone, subalterna ao imperialismo, faz com que as massas entrem em movimento e ponham na ordem do dia a derrubada do velho regime. Mas, elas não trazem consigo um plano de reconstrução social. Obviamente, que essa contradição permite à classe burguesa desviar o curso revolucionário para a mão morta da reação democrática. Também é manifesto que as direções surgidas dos embates não se furtam a fornecer ajuda à classe dominante que vacila sobre as pernas. É assim que se extravia a uma revolução.

Obviamente que os mais melancólicos e nostálgicos esperam ouvir a música que, em outubro de 1917, é cantada nas ruas de Petrogrado. Há um pequeno problema que costuma ser desprezado: a história não torna a fazer ou a dizer. Ela não se repete. Cada processo revolucionário tem as suas personagens, as suas palavras de ordem, os seus atos e o seu veredito. As canções do século XXI não são as canções de 1917. Não é preciso repetir uma revolução que descortina uma época para que esse evento tenha o direito de merecer o nome de revolucionário; ainda que o elemento diferenciador

principal entre Rússia, Bolívia, Equador e Egito esteja no fato de que no primeiro caso se desenvolve (junto com o processo mais global) uma direção política que se prontifica a dar um rumo consciente aos acontecimentos, apoiando-se, no entanto, na orientação ativa das massas. Esse elemento pode explicar porque os processos revolucionários produzem resultados tão rigorosamente distintos. Esse aspecto, ao lado da correlação objetiva de forças, é o que, em última análise, pode determinar o desenlace.

O que é decisivo para se definir se tal ou qual sucessão de eventos é ou não uma revolução não é o seu resultado, mas, principalmente, o fato de que as massas passam a interferir direta e objetivamente no governo do seu destino. No século XXI, por mais de uma oportunidade, as massas interferem de maneira direta no governo do seu destino, ainda que as resultantes, definitivas ou parciais, não estejam proporcionalmente ajustadas aos planos *a priori* que se engrandecem no espírito.

Seja o que for que se imagina aprioristicamente, a inexorável ação das massas, em sua conexão interna, ensina que as revoluções não só constituem uma realidade do século XXI, mas se manifestam por meios e formas para os quais os marxistas não carecem de torcer a cara e mostrar má vontade. Inversamente, sobre elas devem se debruçar e entender (como marxistas) que são essas revoluções – e não a teoria em “estado puro” – as locomotivas da história. Se, ao longo do percurso histórico, a locomotiva freia de modo brusco e vagões inteiros são atirados para fora dos trilhos, esse fato, se não deve ser ignorado, em toda a sua relevância, não pode, no entanto, se prestar a aniquilar o sentido geral dos processos revolucionários.

Defender “novos outubros” não pode ter o sentido de sustentar a frágil tese de uma história que se repete; defender “novos outubros” significa que a história do século XXI precisa atar os seus fios com o conteúdo mais profundo da fibra longa de 1917; não para reproduzi-la, mas para, partindo dela, seguir adiante. Reafirmar, enfim, que a revolução socialista é mais uma necessidade do novo século do que um desejo de recordação.

Para efeito de exemplo: a revolução russa de 1905 é um esboço fundamental para a de fevereiro de 1917, assim como essa se constitui na antessala da revolução de outubro. As revoluções bebem das revoluções, mas elas não se repetem. A Revolução de Outubro bebe da Comuna de Paris e da grande Revolução Francesa. Bebe sem, no entanto, reprisá-las. Nesse sentido, as revoluções do século XXI precisam se encharcar da experiência de outubro, não para imitá-la, mas para continuá-la e aprofundá-la. Por

esse prisma, a revolução de outubro segue como um legado insubstituível às práticas revolucionárias de um século que apenas começa.

Desse modo, quaisquer que sejam os seus resultados, as revoluções do século XX (a russa, em particular), não devem receber um tratamento fatalizado, como se delas se negasse qualquer nível de empreitabilidade à história do tempo presente ou como se se tratasse unicamente de plagiá-las.

Notoriamente, para um raciocínio não dialético, essa não é uma discussão fácil. No estágio mecânico do pensamento, se a história não se repete nunca, não se pode retornar a outubro. Esse tipo de compreensão é essencialmente mecânico, dedutivo: ou se retorna ou não se retorna. O fato em si não tem retorno. O que carece ser retomado não é mais do que uma tradição, um programa e uma estratégia. Esses três aspectos correspondem ao legado de outubro. Para que a revolução do século XXI não estacione na próxima gare – ou avance apenas para recuar até o ponto de onde inicialmente partira – aqueles que a reivindicam, e a ela dedicam as mais ilustres páginas de seu tempo, não podem se tornar reféns de um critério não dialético de apreciação da história.

Ao nos apoiar em Trotsky, buscamos atar as duas pontas do fio (1917 e o século XXI), pois se a teoria do líder comunista, em larga escala, sintetiza, vigorosamente, a tradição, o programa e a estratégia da Revolução de Outubro, de outro lado, não é que faltem revoluções; os primeiros anos do século são pródigos em processos revolucionários. Faltam a esses processos, entretanto, o programa e a estratégia que estão contidos nessa tradição a que podemos nomear de marxista, bolchevique ou simplesmente socialista.

No Egito, dir-se-ia que tudo muda, mas continua como antes. O país é abalado pela revolução, mas o exército “imperial” reage e segue o seu domínio. A lição egípcia, assim como a equatoriana e a boliviana, ensina que, na presente etapa da luta de classes, as revoluções sem uma estratégia e um programa nítidos, com um inelutável corte de classe, apresentam como tendência mais provável que a dinâmica dos fatos leve a que o poder seja entregue a burguesia, independentemente do regime político que se estabeleça (civil, militar, colonial, semidemocrático, democrático-parlamentar etc.). Em um enquadramento breve, esse tende a ser o roteiro tortuoso.

Além disso, importa assinalar que, em larga medida, por mais que se choquem a cada passo com o esquema histórico geral, as revoluções do século XXI demonstram que não guardam incompatibilidade com o ato de evocá-las à luz do tempo presente. Discussões à parte, as revoluções contemporâneas se revelam em cores vivas;

consequentemente, não como artefatos de um passado extinto, expressões fantasmagóricas, mas, de modo geral, como fenômenos históricos que não cessam de se reinventar. No fluxo da história há muitas linhagens de revolução. Movidas pela urgência do momento histórico, as ações revolucionárias do século em tela contêm elementos peculiares, mas não são as contraparentes das estirpes que parecem ainda caminhar pela passarela do breve século XX. Talvez fosse mais correto tomá-las na linha de parentesco de uma série de múltiplas formações de uma só genealogia. Nesse particular, uma vez mais, o processo histórico é desafiador.

À luz desse quadro, há de se concluir, aqui, sumariamente: se a revolução é a esfinge das explosões sociais do começo do século XXI, essas explosões sociais são os primeiros signos da primeira. Mas, para que os primeiros passos não morram perante o desafio dos passos seguintes, faz falta um “sistema de educação revolucionária para a realização da revolução proletária”, ou seja, a seleção e educação do pessoal dirigente “que não fuja no momento da sua revolução de outubro” (TROTSKY, 2007, p. 122). Em 1917, esse sistema de educação atende pelo nome de bolchevismo. Esse fato não deve ser negligenciado no processo de seleção e educação do pessoal dirigente das revoluções do século XXI. Do contrário, a incongruência entre elas e o outubro bolchevique há de permanecer e pode vir a se constituir no prefácio de novos e futuros desastres. Na medida em que, recentemente, vivemos o centenário da Revolução de Outubro, mais do que tudo, precisamos aproximar a teoria e o programa do interesse prático de emancipação de todo aquele que vive sob o domínio irritante do capital.

É desse interesse prático que nasce a persuasão de que as revoluções do século XXI não hão de ser expurgadas da história.

### **As perspectivas revolucionárias do século XXI e os movimentos contra as opressões**

Depois de seus primeiros passos de esperança, o século XXI parece caminhar em uma direção sobejamente perigosa para todo aquele que acredita que somente mediante uma revolução social é possível mudar o mundo. A ideia de revolução perde força. Há cem anos, lembrava um vento forte que arrastava tudo o que se colocava em seu caminho. Hoje, lembra uma brisa suave que pouco incomoda e quando se move apenas o faz para logo adiante cessar o seu movimento.

Leon Trotsky viveu os anos de ouro dos processos revolucionários. Tornou a revolução um tema preferencial de seus escritos, enquanto este se tornara uma

preocupação dominante da burguesia e dos poderes instituídos em seu nome. Quase oitenta anos nos separaram de sua morte. Em quase dez décadas, certamente, o mundo se modificou. O panorama histórico contemporâneo aparenta não ter o mesmo apetite revolucionário. Nesse cenário, então, se avolumam as incertezas e irresoluções em torno da mesma base: a revolução. Não por acaso, acentuam-se os temores e a prudência se torna tão proeminente que a ousadia se converte em regra de ouro. Todos temem o célebre passo a frente. O mundo ameaça não sair do lugar. Nesse horizonte cheio de enfado, ainda há lugar para Trotsky, ou seja, para alguém que fez da revolução o seu tema repetido?

Vimos a pouco que as revoluções do século XXI sofrem de limitações e avançam tão só para em seguida recuar. Acrescente-se a isso, o processo de fragmentação dos chamados movimentos sociais. Esse esfacelamento reforça a tese de que a ideia de revolução como uma totalidade capaz de encadear explorados e oprimidos em um só movimento se identifica com um empuxo mirrado ou, quem sabe, definitivamente morto. A mencionada tese apodera-se do mundo acadêmico e de uma parcela da esquerda que já não vislumbra materialidade em seus programas nos quais murmuram rupturas com o *status quo* capitalista. Essa atitude que caracteriza estratos da esquerda mundial se apoia, acima de tudo, nas pressões que sofrem as esquerdas no que se refere às vanguardas que militam principalmente nos “novos movimentos sociais”.

Nos anos 1960, as organizações políticas marxistas sofreram feroz pressão dos movimentos guerrilheiros que, hoje, se assemelham a objetos raros ou, quando não, a generosas lembranças de um passado nem tão antigo nem tão recente. Hoje, os movimentos específicos de combate às opressões passam a ser entendidos, - cada qual - em sua qualidade particular e, desse modo, o cenário de uma articulação que produza uma ruptura com a ordem social existente deixa de existir.

Nos últimos decênios do século XX, o fracionamento das lutas sociais, possivelmente uma decorrência no ocidente, mais do que da derrota do Maio Francês, de um de seus balanços, que, de fato, se tornou hegemônico na universidade, primeiro, e fora da universidade, em tempo posterior, e que sinalizava para a morte do sujeito da revolução (retomando e aprofundando um enunciado que vinha da Escola de Frankfurt), da noção de totalidade e da chance de uma revolução social à moda de outubro. Essa leitura da realidade não se tornou preponderante de imediato, mas, pouco a pouco, adquiriu tangibilidade e se fez prestigiosa e soberana. Na contemporaneidade, forjou-se como força dominante. Quando os chamados novos movimentos sociais se afirmaram

em escala mundial, efetivamente, essa interpretação e a ideologia que a subjaz se acharam em condições marcadamente vantajosas. Nesse enfoque, ambientalismo, feminismo, movimentos LGBTs, comunitaristas, “pós-colonialistas”, dentre outros, aparentavam trazer somente o próprio selo identitário, sem que, estrategicamente, se cruzassem ou se encadeassem entre si e, fundamentalmente, com a prática social das classes trabalhadoras. É essa formulação que adentra o pórtico do novo século com indizível supremacia. Nessa perspectiva, se, por exemplo, a primeira onda do feminismo abre diálogo com o marxismo, a que veio em seguida, em um novo momento, tenta se desvencilhar da tradição iniciada por Marx e Engels.

Nesse caso, como Trotsky e a revolução podem uma vez mais encontrar o caminho do movimento de massas, notadamente em um tempo no qual a atomização se tornou a sua palavra de ordem? Eis o que nos parece questão-chave a ser tratada daqui para frente.

Braudel (1992, p. 76) ressaltava “os rios mutantes do tempo”. Com efeito, o tempo é outro. Tudo muda. Uma questão, contudo, permanece. As opressões não só perduram como adquirem maior amplitude. Rosa Luxemburgo, na brochura de Junius, em meio à primeira guerra imperialista, com todo o peso enorme do seu significado, pressagiava o fim das guerras nacionais, como se a opressão nacional perdesse sentido no contexto da carnificina em curso. Mais de um século se passou e a questão da opressão nacional sobrevive como um enigma não resolvido. A formulação engelsiana - “um povo que oprime outro jamais será livre” - não perdeu em sensibilidade e significação. O cerco à Venezuela pelo imperialismo estadunidense (que acontece no exato instante no qual escrevemos este texto), decerto, ratifica o lugar da luta contra a opressão nacional na contemporaneidade. Essa modalidade de luta é tão antiga quanto o surgimento das nações e dos impérios na sua acepção mais moderna. Há muito ela se fez reconhecida. Acontece que “os rios mutantes do tempo” adicionaram e legitimaram novas modalidades de combate à prepotência, à canga, à intolerância. Por esse ângulo, certamente, é que devemos tratar as contendas travadas por negros, indígenas, mulheres, LGBTs etc.

Os marxistas buscam se engajar em cada um desses embates, ainda que enfremem direções que, muitas vezes, intentam desconstruí-los como representantes de um legado teórico e de uma alternativa política. Além disso, é certo que as lideranças dos movimentos de opressão, em muitos casos, renunciam ou minimizam as estratégias de construção de pautas e lutas unitárias. Cada movimento basta a si mesmo. O enfoque

classista se dissipa ante uma linha gelatinosa que grassa. Mas, nada que justifique o desespero ou o ceticismo. As águas vivas de um rio não são outra coisa do que as águas vivas de uma história cercada de curvas e perigos, de vida e de morte. As dificuldades são um fato, mas nem por isso temos que renunciar a história.

Aliás, não estamos perante uma narrativa unilinear. Entre 2017 e 2019, o oitavo de março se definiu como um momento de ampla unidade do movimento de mulheres com os movimentos de juventude e com o sindicalismo, especialmente na Espanha, mas, também, na Argentina, no Brasil e em outras partes do planeta. Antes de reclamar das pautas específicas e do peso que elas recebem nos dias presentes, não seria mais prático incorporá-las no âmbito do classismo reivindicado pelas correntes marxistas mais ortodoxas (no sentido trotskyista do termo)?

O marxismo não deve abrir mão do seu amplo aparato crítico, mas precisa aprender a atuar em um tempo de cabeças trocadas nas quais não poucos costumam achar que nele as revoluções são impossíveis, pelo menos no molde clássico do qual outubro é o exemplo mais rutilante. O desespero diante da situação-limite não é o caminho que se defina como apropriado. A plataforma programática marxista deve adotar com grau de importância a pauta dos movimentos de opressão. Mais do que isso: fazer o debate de programa e estratégia com desvelo e prudência, mas não deixá-lo à mercê de uma gradativa corrosão. Os marxistas devem ser os campeões da frente única, e no tempo vigente, essa frente compreende os sindicatos, as organizações de esquerda, as organizações populares e os movimentos de luta contra as opressões.

Trotsky dedicou um capítulo do Programa de Transição à juventude e às mulheres trabalhadoras. Nele, registrou que “a época de declínio do capitalismo atinge cada vez mais a mulher, tanto como assalariada quanto como dona de casa” (1979, p. 116). Dispensou igualmente um capítulo aos países oprimidos pelo imperialismo. A esse respeito, em *O marxismo do nosso tempo*, Leon Trotsky assinala: “Enquanto destrói a democracia nas velhas metrópoles do capital, o imperialismo impede, ao mesmo tempo, a ascensão da democracia nos países atrasados” (1988, p. 45). Ao examinar a relação entre as incertezas da democracia na América Latina e o papel desempenhado pelos EUA na região, nota-se como essa passagem do livro se preserva corrente. Nota-se, também, o lugar dos embates contra as distintas formas de opressão que acompanha o trotskismo como programa, estratégia e história. Basta recordar como a questão negra na África do Sul e nos EUA adquiriram centralidade no campo de análise do velho revolucionário ucraniano. Tal imagem não se encaixa no esforço de

demonstrar, hoje, a possibilidade de incorporar com absoluta franqueza as reivindicações de movimentos de opressão que, à época de Trotsky, não traziam em si o mesmo vigor e a abrangência dos dias atuais?

O trabalho de atualização histórico-programática é sempre muito difícil e delicado. Isso não quer dizer impossibilidade de efetuar-lo. A revolução social exige, mais do que antes, a junção das lutas contra a exploração e a opressão. O programa da classe operária é o único capaz de articular o combate às distintas formas de opressão com o embate diante daquilo que funda a ordem social capitalista: a exploração do capital sobre o trabalho. Os democratas burgueses podem declarar apoio ao programa de afrouxar as condições sobre as quais se reproduzem as variadas espécies de opressão político-cultural, mas o seu radicalismo democrático seguirá refém de um regime social no qual a opressão se cruza com a exploração, não para que uma auxilie a outra em seu processo de emancipação, mas para que a primeira se mova, ainda que modestamente, sem alterar a primeira. Enquanto a primeira se mover sem que a segunda se altere, em última análise, a tendência é que as conquistas arrancadas pela primeira sofram infundáveis retrocessos. O aumento da violência contra as mulheres se inscrevem nessa lógica de um sistema de exploração no qual as opressões trazem consigo elementos de funcionalidade com relação a esse mesmo sistema. Sem se omitir ou relaxar a respeito das pautas dos movimentos de opressão, os marxistas não podem perder de vista que o horizonte último do capital é de que ele se funda na exploração, e sobre essa compreensão é que se funda o programa.

É possível e até provável que novas revoluções perturbem a paz do domínio do capital, mas se os processos de ruptura seguem ignorando as noções de sujeito, de totalidade e de revolução social, à partida, dir-se-ia que todas elas tendem a retroceder, a parodiar a Bolívia e o Egito, apenas para citar dois exemplos do século XXI. O marxismo não produz revoluções, mas a sua eclosão, uma vez mais, pode trazer os marxistas para o centro do tablado. Não precisamos calçar sapatos alheios para fazer essa caminhada, mas não a faremos sozinhos como se o século XXI não houvesse chegado com todos os seus dissensos e as suas mais improváveis agitações. Aqui, segue valendo o provérbio árabe: “o maior erro é a pressa antes do tempo e a lentidão ante a oportunidade”.

**Considerações finais:**

Em meio à lenta recomposição das forças políticas do campo da esquerda, esperamos que, mediante esta análise, se retome a discussão em torno da necessidade de uma revolução social, i.e., que as transformações decorrentes da ação independente das massas possam sobrepujar os limites da simples emancipação política, e que, nesse panorama histórico do século XXI, as lutas contra as múltiplas formas de opressão não sejam tomadas como obstáculos intransponíveis ao desenvolvimento do legado histórico do qual Trotsky é lido preposto.

### **Referências bibliográficas:**

MARX, Karl. O 18 Brumário de Luís Bonaparte, In: a revolução antes da revolução, São Paulo: Expressão Popular, 2008.

TROTSKY, Leon. Aonde vai a França, São Paulo: Editora Desafio, 1994.

\_\_\_\_\_ A revolução de 1905, São Paulo: Global Editora, s/d.

\_\_\_\_\_ A revolução desfigurada, São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

\_\_\_\_\_ A revolução permanente, São Paulo: Expressão Popular, 2007.

\_\_\_\_\_ A revolução russa: a natureza de classe da URSS, São Paulo: Informação Editora, 1989.

\_\_\_\_\_ A revolução traída, São Paulo: Editora Sundermann, 2005.

\_\_\_\_\_ Balanço e perspectivas, in: A teoria da revolução permanente, São Paulo: Sundermann, 2011.

\_\_\_\_\_ Em defesa do marxismo, São Paulo: Editora Sundermann, 2011.

\_\_\_\_\_ História da revolução russa, tomo 1, parte um, São Paulo: Sundermann, 2007.

\_\_\_\_\_ História da revolução russa, tomo 2, partes dois e três, São Paulo: Editora Sundermann, 2007.

\_\_\_\_\_ Lições de outubro e outros textos inéditos, coleção 10, São Paulo: Editora Sundermann, 2007.

\_\_\_\_\_ Literatura e revolução, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2007.

\_\_\_\_\_ Mi vida, Bogotá: Editorial Pluma Ltda., 1979.

\_\_\_\_\_ O marxismo do nosso tempo, 2.ed., São Paulo: Outubro Livraria e Editora, 1988.

\_\_\_\_\_ Programa de transição, in: Lênin Trotsky: a questão do programa, São Paulo: Kairós, 1979.

\_\_\_\_\_ Revolução e contrarrevolução na Alemanha, São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

\_\_\_\_\_ Stálin – o grande organizador de derrotas – a III internacional depois de Lênin, São Paulo: Editora Sundermann, 2010.

\_\_\_\_\_ Terrorismo e comunismo – o antiKaustky, Rio de Janeiro: Editora Saga, 1979.